

Psicologia Social e Nietzsche: convergências na questão da subjetividade

Autora: Keylla de Fátima Barbosa

Graduanda da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

E-mail: keyllaafb@yahoo.com.br

O filósofo alemão Nietzsche formulou importantes críticas à tradição filosófica e metafísica modernas. Estas últimas eram marcadas pelo dualismo e racionalismo. Nietzsche, então, apresenta propostas e alternativas conceituais para a compreensão da subjetividade e do tradicional problema da relação entre a mente e o corpo.

Descartes conclui, através de seu método racionalista, que o eu *subjetivo é o eu pensante*, e que separado e distinto deste há a noção das coisas corpóreas. Se a essência do ser pensante é a razão, e o pensamento racional é *consciente*, temos que a consciência é o centro do *eu*, seu núcleo substancial. Para combater essa hipótese, Nietzsche faz uma investigação sobre a consciência retornando a sua gênese histórica

Assim, com o objetivo de entender o que é o *sujeito*, o que faz parte dele e como ele se constitui Nietzsche retrocede na história da humanidade para investigar o homem no seu surgimento como espécie. Nessa investigação, ele se deparara com a origem da *consciência* como um marco na história da humanidade.

Nietzsche pontua que para conseguir sobreviver o ser humano, que não possuía nem chifres, nem presas aguçadas, (segundo as palavras do próprio Nietzsche) teve que se juntar em bando com o intuito de se proteger, neste momento, essa coletividade, faz surgir a necessidade de comunicação:

“ele [o homem] precisava, como animal mais ameaçado, de auxílio, de proteção, ele precisava de seu semelhante, ele tinha de exprimir sua indigência, de saber tornar-se inteligível – e, para tudo isso, ele necessitava, em primeiro lugar, de “consciência”, portanto, de “saber” ele mesmo o que lhe falta, de “saber” como se sente, de “saber” o que pensa.” (NIETZSCHE, 1983).

A consciência passa a ser aquilo que possibilitou o homem a sobreviver enquanto espécie, nesse sentido ela perde um certo status, deixando de ser reconhecida como o fundamento metafísico do homem, ao abarcar durante a história da filosofia desde Sócrates conceitos como razão, intelecto, etc. Neste momento da obra de Nietzsche a consciência nada mais é do que uma *ferramenta* do corpo para que este encontre satisfação e sobrevivência e por isso não pode mais ser identificada com a *essência* do ser humano. Portanto, dessa hipótese sobre a origem da consciência, também podemos extrair o fato de que ela não pode possuir um fundamento metafísico, pois ela é fruto das relações entre humano e humano. Por outro lado, a consciência não perde o estatuto de diferenciação entre homem e animal, mas perde seu tom transcendental e hierárquico que colocava o homem como um ser privilegiado entre os animais, por ser dotado de intelecto. Essa inversão sobre a origem da consciência, do metafísico para o físico e histórico, não afasta o homem de sua origem animal ao mesmo tempo em que o mantém próximo de sua história.

Outra questão que se torna evidente na citação feita acima é a origem *coletiva* da consciência. O homem teve que se juntar em bando para sobreviver e é essa proximidade, essa necessidade de vida coletiva que faz com que ele se torne consciente. Nas palavras de Nietzsche:

“Meu pensamento é como se vê: que a consciência não faz parte propriamente da existência individual do homem, mas antes daquilo que nele é natureza de comunidade e rebanho”. (NIETZSCHE, 1983).

Essa vida em rebanho da qual fala Nietzsche, só foi possível com o desenvolvimento de uma outra ferramenta: a linguagem. O homem que se expressa, que entende e que é entendido, só o faz se vive em coletividade e mais uma vez, para que ele possa falar ele deve também, pensar. Cito

Nietzsche:

“(...) somente esse pensamento consciente ocorre em palavras, isto é, em signos de comunicação; com o que se revela a origem da própria consciência. Dito concisamente, o desenvolvimento da linguagem o desenvolvimento da consciência (não da razão, mas do tomar-consciência-de-si da razão) vão de mãos dadas. (...) (NIETZSCHE, 1983).

Portanto *consciência, linguagem e sociabilidade* estão intrinsecamente ligados, pois possuem um surgimento comum, o que quer dizer que não são um *dado* na história humana e nem a *essência* desse homem, como sugeria a *psicologia racional* de tradição filosófica, ao procurar entender a natureza humana como algo metafísico e universal. Ao contrário a consciência, o pensamento que formou esse homem não é nada mais que um *construto histórico* e que por sua vez, está sujeito a mudanças.

Considerando a gênese da consciência concomitante ao da sociabilidade e da linguagem este homem jamais pode ser despregado do social, pois ele se fez nesse processo. O homem que a ciência natural considera um ser biológico se constituiu juntamente com a necessidade de viver em cultura e de se comunicar, só assim ele se torna consciente. Podemos dizer que uma vez que essa relação homem/sociedade/linguagem se iniciou, não haveria de cessar. Este processo não é estagnado, e continua construindo subjetividades e formas de expressão.

“O homem inventor de signos é ao mesmo tempo o homem cada vez mais consciente de si mesmo; somente como animal social o homem aprendeu a tomar consciência de si mesmo – ele o faz ainda, ele o faz cada vez mais.” (NIETZSCHE, 1983)

Partindo deste argumento, o conceito de homem que aparece na obra nietzschiana é o de um ser que só existe como cultural e social, sendo que até mesmo sua linguagem entendida como qualquer forma de comunicação, é produto dessa sociabilidade e portanto, do momento em que se tornou consciente. Para Nietzsche não é mais necessário recorrer à concepções metafísicas de subjetividade, como no caso de Descartes, por exemplo, que procurava racionalizar e separar o sujeito do mundo sensível que o cerca, e no qual ele está inserido. Nesse sentido, Nietzsche recorre a destruição de explicações metafísicas que procuravam *definir* o sujeito, para propor que o homem, desde o momento em que se tornou consciente, é um ser social, ou melhor, ele só é consciente devido a necessidade de vida em coletividade e de comunicação.

Esta maneira de entender o homem vai de encontro com a história da psicologia social latino-americana. Segundo Sato, em *Psicologia Social Contemporânea*, o primeiro objeto da Psicologia Social foi a interação entre indivíduo e sociedade, esses portanto, eram vistos como instancias distintas que apenas interagem entre si, ou seja, a noção de homem como intrinsecamente ligado a sua condição cultural ainda não estava difundida, embora já presente em alguns escritos filosóficos, como nos de Nietzsche.

Resumidamente, é nesse sentido que os anos 60 e 70 são anos de crise para a Psicologia Social, pois a dependência teórico metodológica com a psicologia positivista e com a linha de pesquisa Americana, começa a não mais atender as necessidades de todos os pesquisadores. Então em 1980 é criada a ABRAPSO em um contexto de redefinição da Psicologia Social na América Latina.

Neste momento, o sujeito da Psicologia Social Latino Americana, passa a ser visto como algo que não apenas interage com o ambiente, mas que é produto do meio social e histórico ao mesmo tempo em que é capaz de construir e transformar a sociedade. Para se conhecer o homem não basta procurar como funcionam os processos que se passam “dentro dele” (LANE, 1984) é preciso encará-lo como sendo parte de uma história e de uma cultura. É o momento de romper com a dicotomia homem/sociedade, pois, como vimos, um implica no outro, não existindo separadamente. Dessa forma o argumento da gênese social da consciência fornecido por Nietzsche,

vem corroborar com as explicações não dicotômicas sobre os sujeitos e sua interação com o mundo fruto da nova visão da Psicologia Social.

Portanto, exatamente a partir da desconstrução do *eu composto por uma essência*, uma natureza humana, eterna e imutável é que é possível pensá-lo como construído socialmente. Os sujeitos não possuem características de cunho universalizantes e prévias ao ato social. Então, é a partir da quebra deste paradigma idealista que podemos pensar no sujeito em relação com seu meio e com sua história, num movimento de construção e desconstrução, abrindo caminho para uma subjetividade que não está trancafiada dentro do homem, não bastando desvendar o funcionamento interno do homem, mas apreende-lo em sua relação.

Ao longo de sua obra, para tratar do tema da subjetividade que não mais se identifica com uma natureza humana imutável, Nietzsche também propõe uma *psicologia* que tem a função de perceber o quanto que a sociedade está carregada de valores morais historicamente construídos com a função de dominar e disciplinar os homens. Neste caso, o conceito de psicologia empregado por Nietzsche se refere a ciência que deve destruir os valores morais, para que em um mundo livre dessas velhas morais, possa surgir um novo homem que não apenas reproduza, copie e siga esses valores, mas que seja capaz de criar, que seja capaz de exercer seu potencial transformador de si e do mundo.

Uma concepção semelhante de psicologia encontramos em *Psicologia Social o homem em movimento*, livro que marca a nova visão de homem para psicologia social no Brasil; como diz Silvia Lane “Se o homem não for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal mas da história de sua sociedade, a psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social” (LANE, 1984).

O homem nasce em uma sociedade já composta por conceitos e regras morais, ele pode, portanto, transformar este mundo e a si, pois nada há de essência e de imutável, não há mais dicotomia entre indivíduo e meio, bem como não há dicotomia entre indivíduo e grupo, o que há é a relação entre os componentes da história, ou seja, relações, segundo Nietzsche compostas por poder e forças.

Portanto, para nascer o sujeito nietzschiano no que se assemelha ao sujeito tomado pela Psicologia Social é preciso romper com os valores que determinam os homens, caso contrário, este só será capaz de reproduzir as ideologias dominantes. Transvalorado o homem pode ser visto como construído socialmente e historicamente, pois se não é mais determinado por uma essência pode ser constituído por forças.

Bonin em *Psicologia Social Contemporânea*, diz que o homem fonte de estudo da Psicologia Social é como um nó das inter-relações sempre mutáveis entre biologia, história e sociedade. Esse nó também é caracterizado por Nietzsche como um feixe de relações entre forças num eterno movimento de devir. O sujeito, então, seria fruto dessa relação de forças, e estaria no lugar em que essas forças de encontram, não sendo mais do que o que há no mundo, na linguagem, na sociedade e na história, em formato subjetivo e em constante transformação assegurada pelo vir-a-ser.

Então, segundo Nietzsche todo o mundo é composto por forças que se relacionam. Essas forças podem ser vontades que polarizam-se em *vontade de potência*. A vida seria apenas um caso da vontade de potência e a vida humana um caso mais específico ainda, que partiu da necessidade de vida coletiva, de linguagem e consciência. Sendo relação entre forças, o homem e o mundo jamais poderão se encontrar estáticos: se essa rede de forças aumenta temos uma vida mais potente e mais ativa, se diminuem se transformam em enfraquecimento e doença. Segundo Nietzsche, a vida do homem que segue os valores morais é uma vida fraca, que apenas responde e nada cria, sendo que o entendimento da vida como vontade de potência nos mostra que esta pode e deve se transformar indefinidamente, para que possamos encarar o sujeito com algo sempre em processo e do qual novos produtos estão a todo momento sendo criados. Essa tese corrobora com Spink quando esta diz que a relação entre indivíduo e sociedade: “busca um posicionamento mais integrador que, embora situando o homem no processo histórico, abre lugar para as forças criativas da subjetividade”. (SPINK, 1993).

Considerando as reflexões acima para pensar a Psicologia Social em sua prática entendemos

que o psicólogo não pode ser ingênuo ao olhar para os conflitos, do ser humano e da sociedade, atribuindo a eles valores próprios. Nesse ponto a filosofia de Nietzsche desenvolve a idéia de que não devemos colocar nossos próprios preconceitos e valores morais sobre o outro, pois este pode ter uma outra visão da realidade que culmina em outras atitudes e comportamentos devido a diferentes tipos de relações históricos sociais.

Nesse sentido a psicologia também não pode fazer da relação de forças um meio para a dominação e a imposição de práticas e atitudes ocupando uma posição de um saber sobre o outro. Esse tipo de atitude despotaliza o sujeito impedindo a emergência de novas formas de subjetivação, que por sua vez partem de uma expansão própria do desejo inserido em constante processo de transformações do qual somos inseparáveis.

Referências

- CAMPOS, R. H. F. & GUARESCHI, P. A. (orgs.). Paradigmas em Psicologia Social. A perspectiva Latino-Americana. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DINIS, N. F. Nobreza e servidão em Nietzsche: um desafio ético para a Psicologia Social. Revista Interação e Psicologia, 2003, 7 (1), p. 93-99.
- EIZIRIK, M. F. & TREVISAN, J. F. Da genealogia da moral à moral do ressentimento: a crueldade nos bons costumes. Psicologia Ciência e Profissão, set. 2006, vol. 26, nº 3, p. 360-367.
- FARR, R. Raízes da Psicologia Social Moderna. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- JACQUES, M. G. C. et al. Psicologia Social Contemporânea: livro-texto. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LANE, S. T. M. & CODO, W. (orgs.). Psicologia Social. O Homem em Movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MÜLLER, F.-L. *História da psicologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (col. Os Pensadores).
- SILVA, R. N. A Invenção da Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, Sept. 1993.
- WOTLING, P. "As paixões repensadas: axiologia e afetividade no pensamento de Nietzsche". In: *Cadernos Nietzsche*, nº 15, 2003 (São Paulo: FFLCH-USP/GEN).